

SEMINÁRIOS IMAGÉTICA E CONEXÕES MUNDIAIS (a investigação em coordenação com os três ciclos de ensino superior)

Coordenação científica:

Maria Leonor García da Cruz (CHUL, Universidade de Lisboa) e Maria de Deus Beites Manso (CICP, Universidade de Évora)
ml.garciacruz@gmail.com / mariadeusmanso@gmail.com

Organização:

Centro de História da Universidade de Lisboa (UIDB/04311/2020; UIDP/04311/2020) / Programa de Estudos Imagética
Centro de Investigação em Ciência Política (UIDB/CPO/00758/2020) /Universidade de Évora e Universidade do Minho
Sociedade de Geografia de Lisboa – Secção Artes e Literatura

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 20 de Setembro de 2022, sessão por videoconferência, 14h (hora de Lisboa)

<https://videoconf-colibri.zoom.us/j/93734603398?pwd=NHVaaVNvZXZlWUhpWUJRLQytla0NMUT09>

XVIII ciclo de palestras - MISTIÇAGENS NO MUNDO MODERNO

Investigadores convidados:

EDUARDO FRANÇA PAIVA

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989), mestrado em História pela UFMG (1993) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1999), com estudos pós-doutorais na Escuela de Estudios Hispano-Americanos/CSIC, Sevilla (2012/2013), na École des Hautes Études en Sciences Sociales-EHESS, Paris (2006/2007) e na UFPará (2020/2021). É Professor Titular do Dept. de História-UFMG e diretor do Centro de Estudos sobre a Presença Africana no Mundo Moderno-CEPAMM-UFMG. É pesquisador do CNPq; líder de grupo de pesquisa UFMG-CNPq; co-coordenador do Fórum Permanente Universitário Portugal e Brasil: conexões e problemáticas dos mundos moderno e contemporâneo-FórumPB (Universidade de Évora-UFMG).. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América portuguesa e conexões com África, América espanhola e Europa, abordando, principalmente, os seguintes temas: escravidão, história social da cultura, dinâmicas de mestiçagens, trânsito material e cultural, história & iconografia.

E-mail: ef.paiva@uol.com.br

TEMA DA PALESTRA

Por que estudar as mestiçagens?

Misturas biológicas e culturais sempre ocorreram ao longo da história humana, mas durante a época moderna, principalmente no Novo Mundo, elas se transformaram em um dos pilares sobre os quais as sociedades se organizaram. Nessa realidade, desde os primeiros tempos de domínio ibérico, elas produziram contingente humano nascido no território, a partir de pais de “qualidades” ou, como também se dizia, “nações” diferentes, inicialmente de índias e conquistadores, ampliando-se os tipos mestiçados com o passar do tempo, a partir das mesclas com negros africanos e com os próprios mestiçados. O termo “mestiço”, empregado nas áreas mediterrâneas europeias, em diferentes línguas, desde, pelo menos, o século XIII, foi rapidamente, digamos, “americanizado”, passando a designar os filhos de índias e europeus. O vocábulo, que era também um conceito, foi empregado com muito maior frequência no Novo Mundo, dadas, justamente, a quantidade de filhos “mestiços” nascidos e a importância social adquirida por eles, uma vez que passaram

a povoar, explorar e defender terra, como escravos, libertos ou nascidos livres. Aos “mestiços” se juntaram outros mestiçados: “pardos”, “mulatos”, “cabras”, “caboclos” e “curibocas”. No século XVIII esses mestiçados, junto com os “crioulos” (nascidos no Brasil, filhos de pais e mães africanos ou crioulos), conformaram a maioria dos habitantes e sua atuação histórica contribuiu fortemente para formatar a sociedade brasileira em todas as suas dimensões. Se é verdade o que diz o antigo ditado, que “sem Angola não há Brasil”, é igualmente correto dizer que sem os mestiçados o Brasil - e a Ibero-América - como os conhecemos também não existiriam. Estudar as dinâmicas de mestiçagens é, portanto, essencial. Sem as conhecermos profundamente, corremos o risco de não compreendermos adequadamente o que e como éramos no passado e o que e como somos hoje.

ISNARA PEREIRA IVO

Possui mestrado (1998) e doutorado (2009) em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Realizou Pós Doutorado, em 2014, na Universidade Federal de Minas Gerais e, em 2015, também, realizou estágio de Pós Doutorado na Universidade de Évora, em Portugal. É professora do Programa de Pós-graduação em Ensino e Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia e Teoria e Metodologia da História. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Sertão da Bahia, sertão de Minas Gerais, comércio interno colonial, escravidão no Brasil e na África, historiografia brasileira e Teoria da História. Atualmente desenvolve pesquisas sobre escravidão, comércio e trânsitos de culturas no império ultramarino português, com enfoque específico para os sertões da América portuguesa. Dentre as várias publicações, se destacam o livro *Homens de Caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Século XVIII*, publicado em 2012) É também coordenadora da Rede de Grupos de Pesquisa Escravidão e Mestiçagens, cujos resultados de pesquisas foram publicados em cinco volumes organizados pela autora e demais membros da Rede.

E-mail: naraivo@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

Sertões conectados, “homens de caminho” e famílias mestiças

Desde o início do Setecentos, diversos indivíduos circularam entre os sertões do Brasil para abastecer as áreas mineradoras das capitanias da Bahia e de Minas Gerais. Os chamados “homens de caminho” tinham distintas “qualidades” e condições sociais e realizavam o comércio por vias fluviais e terrestres. O movimento dessas pessoas foi responsável pela formação de famílias mestiças e pelo fomento das dinâmicas de mestiçagens que também marcaram o viver nos interiores do Brasil. Um exemplo de toda esta mobilidade social foi o grande proprietário de terras e de escravos, João Dias de Miranda, mestiçado, neto de preta forra e português, filho de mestiçada e preto forro, descendente de uma das muitas famílias surgidas do trânsito de seus membros entre aquelas capitanias. Do casamento de sua avó, a preta forra Clara Gonçalves, nascida em Cabo Verde, com seu avó, o português Mathias João da Costa, sertanista aliado de Pedro Leolino Mariz nas conquistas dos sertões, surgiu uma das mais importantes famílias do Sertão do Ressaca. Miranda era filho da mulata Josepha Gonçalves – filha mais jovem de Clara – e do capitão mor João Gonçalves da Costa, preto forro, que combateu índios e quilombos em nome do rei. As mesclas biológicas e culturais produzidas ao longo do tempo, os trânsitos entre as capitanias da Bahia e de Minas Gerais, assim como os casamentos produzidos com os “homens bons” fomentaram a formação das famílias mestiças, demarcando sua importância política e econômica nos sertões. Miranda não teve filhos, mas foi responsável pelos dotes de suas irmãs e sobrinhas, que se casaram com homens ricos da Imperial Vila da Vitória. Juntamente com os demais membros da sua família, acumulou uma das maiores fortunas da Bahia, e o algodão, a aguardente e outros itens produzidos em suas terras incrementaram o comércio entre os sertões e o litoral, dinamizando a economia colonial.

MARCIO DE SOUSA SOARES

Professor Associado do Departamento de História do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (ESR/UFF). Possui Graduação em História pela Faculdade de Filosofia de Campos (1989); Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999); Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2006); Estágio Pós-Doutoral no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a supervisão de João Luis Ribeiro Fragoso (2017/2018). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: escravidão africana; alforria; mobilidade social e mestiçagens na América portuguesa. Integrante do Laboratório de Pesquisa e Documentação em História Econômica e Social (LAPEDHE).

E-mail: soaresmsousa@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

Casamentos e dinâmicas das mestiçagens na capitania do Piauí e em São Luis do Maranhão (século XVIII)

A comunicação examina o papel do casamento na dinâmica das mestiçagens na capitania do Piauí e na cidade de São Luís do Maranhão durante o século XVIII. Por se tratar de uma sociedade modelada pela escravidão e pelos valores de antigo regime, na América portuguesa prevaleciam as alianças matrimoniais entre pessoas "da mesma igualha". Não raro, homens portugueses viviam amancebados por anos a fio com índias ou escravas africanas ou forras sem cogitarem a possibilidade de se casarem com elas, em virtude da infâmia derivada do sangue, da qualidade ou da condição jurídica que essas mulheres carregavam no Direito e nas tradições ibéricas. Conforme a historiografia tem assinalado, a carência de mulheres brancas concorria para a ampla disseminação do concubinato e, conseqüentemente, pela expressiva incidência da filiação ilegítima e das mestiçagens. Entretanto, nas áreas anclares aos circuitos agroexportadores e que contavam com a presença modesta de reinóis, nota-se que, entre a gente de baixa extração social, os casamentos de pessoas com qualidades e condições jurídicas distintas também exerceram papel relevante na gestação de populações acentuadamente mestiças.

MARIA LEMKE

Professora Adjunta na Faculdade de História - UFG - Universidade Federal de Goiás. Doutorado em História pela UFG (2012). Mestrado em História UFG (2008). Especialista em Gestão de Arquivos e Tecnologia da Informação pelo IPOG/Fundação Oswaldo Cruz. Graduação em História. Atua nos temas: Trabalho, Famílias, Mestiçagens, Escravidão, Hierarquias sociais, Arquivos e Documentação dos séculos XVIII e XIX.

E-mail: marialemke@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

De mulatas a donas: mobilidade social nos sertões da América lusa, c. 1780-1840

Esta comunicação aborda a trajetória e mobilidade social de libertas que tiveram a "mulatice" apagada, alcançando a qualidade de "donas". Além de senhoras de escravos e muitos bens, foram comadres de homens bons, incorporadas à família da "casa grande". A partir do prisma da micro história e do cruzamento onomástico analisa-se as suas redes, destacando-se os complexos caminhos da mobilidade social.

ROBERTO GUEDES

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999), doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), pós-doutorado pelo Instituto de Ciências Sociais Univ.Lisboa (2009) e pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Associado e Membro Permanente do PPHR da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Membro Colaborador do PPGHIS da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bolsista UAB da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. Atuando principalmente nos seguintes temas: economia; sociedade; escravidão.

E-mail: robertoguedesferreira@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

Agentes das mestiçagens (São Gonçalo e Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX)

Com base em registros paroquiais de batismo e de casamento de freguesias da capitania do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX, a comunicação expõe as alianças matrimoniais, os cônjuges que as integraram, seus rebentos e os filhos havidos de pais incógnitos. Ressalta-se que os agentes das mestiçagens eram plurais, em termos de naturalidade, condição social e jurídica. Portanto, conclui-se que a mestiçagem moldou ao mesmo tempo em que resultou de uma população diversa e redundantemente mestiça. A mestiçagem foi uma realidade socialmente compartilhada, algo muito distinto das ideias que ressaltam apenas as violentas relações escravistas como seu mote principal.

Contactos:

Seminários Imagética e Conexões Mundiais – Coordenação
ml.garcia-cruz@gmail.com / mariadeusmanso@gmail.com
<https://sites.google.com/site/imagetica0flul/>